

João Agostinho de Souza

**A EXPRESSÃO DA SEPARAÇÃO DOS PAIS NAS TÉCNICAS
PROJETIVAS GRÁFICAS INFANTIS**

PALMAS-TO

2015

0

João Agostinho de Souza

A EXPRESSÃO DA SEPARAÇÃO DOS PAIS NAS TECNICAS PROJETIVAS GRAFICAS INFANTIS

Monografia elaborada e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) do curso de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas.

**Palmas-TO
2015**

Souza, João Agostinho S731e A expressão da separação dos pais nas técnicas
projetivas

gráficas infantis / João Agostinho Souza / Palmas, 2015

45 fls.29 cm.

Orientação: Profa Msc. Nara Wanda Zamora Hernandez TCC
(Trabalho de Conclusão de Curso) Psicologia - Centro
Universitário Luterano de Palmas. 2015

1. Indicadores Gráficos (DL e HTP). 2. Criança. 3. Separação dos pais. I. Hernandez, Nara
Wanda Zamora. II. Psicologia.

CDU: 159.92

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária – Maria Madalena Camargo –
CRB-8/298

João Agostinho de Souza

**A EXPRESSÃO DA SEPARAÇÃO DOS PAIS NAS TECNICAS
PROJETIVAS GRAFICAS INFANTIS**

Monografia apresentada ao Centro Universitário Luterano de Palmas como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, orientada pela Prof^o. Mestre Nara Wanda Zamora Hernandez.

Aprovado em 18 de junho de 2015

BANCA EXAMINADORA

Professora M.Sc Nara Wanda Zamora Hernandez

Centro Universitário Luterano de Palmas

Professora Esp. Cintia Carla Xavier
Centro Universitário Luterano de Palmas

Professora Esp. Almerinda Maria Skeff
Centro Universitário Luterano de Palmas

Palmas-TO
2015

Dedico o esforço desse trabalho à Deus, que em sua Graça manifesta,

deu-me força e sabedoria para chegar aqui. Aos meus pais biológicos

e adotivos, Antonio Agostinho e Maria Vilani & Antonio Cordeiro e Francisca Custódio. Aos meus paroquianos das Paróquias Jesus de

Nazaré e N. Sra. Aparecida em Palmas. Aos meus irmãos Antônio Cordeiro e Tássio Soares, e especialmente à minha inesquecível Professora e orientadora Nara Wanda Zamora Hernandez .

Sintam se co-participes dessa vitória!

4

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Pai Onipotente pela força coragem e ânimo, sem as quais nas adversidades não teria conseguido perseverar nesta jornada.

Às minhas famílias biológica e adotiva, que com seu apoio motivador me ajudaram a concluir esta graduação. Especialmente agradeço a meu irmão Antonio Cordeiro que partilhou a vida e o cotidiano comigo nos últimos anos aqui em Palmas (TO). Agradeço a sua valorosa contribuição para este feito. Igualmente minha gratidão ao incentivo de minha cunhada Taiane Bueno, esposa de Antonio.

Aos paroquianos das Paróquias Jesus de Nazaré, nas ARNO"s, e N. Sra. Aparecida, em Taquaralto, que apesar de minhas ausências dos atendimentos e trabalhos diários, em decorrência das aulas na faculdade sempre manifestaram compreensão e apoio nesta jornada. Neste sentido, aproveito para agradecer ao Vereador José do Lago Folha que foi um importante amigo junto a estas comunidades e prestou valorosa contribuição para esta minha Graduação.

A todos os amigos e amigas docentes que estiveram comigo ao longo destes oito anos na graduação de Psicologia. Reconheço a importância de todos os

professores desta temporada, a saber, Lázaro Dutra, Micheline Pimentel, Nara Wanda, Wayne Mathews, Andrea Lima, Juliana Corgozinho, Alice Chaves, Herlon Bezerra, Ana Beatriz Dupré, Cláudia Furtado, Analucy Oliveira, Leny Carrasco, Mardônio Parente, Domingos de Oliveira, Victor Menezes, Jonatha Rospide, Lauriane Moreira, Carolina Cotica, Rosana Carneiro, Almerinda Skeff, Cintia Maximiliano, Cintia Xavier Maria de Fátima Medina e Pastor Ilson Muller.

Registro agradecimentos aos coordenadores de curso dessa temporada até hoje, Liliam Dayse, Juliana Corgozinho, César Ramos e Irenides Texeira. A psicóloga Mariana Miranda e ao psicólogo Hudson Eygo, supervisores de estágio do SEPSI. E finalmente a todos os amigos e colegas discentes que compartilham de bons e difíceis momentos no galgar deste bacharelado a quem o faço em nome de meu amigo e irmão Tássio Soares.

A todos os meus mais sinceros registros de gratidão

O amor não conhece sua própria intensidade até a hora da

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral: Identificar os indicadores que demonstrem problemas psicológicos das crianças entre 4 e 10 anos de idade causados pela separação dos pais, mediante a bibliografia que tratam sobre os testes de Desenho Livre e Teste da Casa, Árvore e Pessoa. Se justifica o interesse neste tema sobre a expressão gráfica infantil e os problemas que se apresentam pela separação dos pais, pelo valor do trabalho preventivo que poderá realizar o profissional desta área infantil, que permita a orientação escolar e familiar para impedir ou sarar frustrações e conflitos, e que possa dizer sobre o seu comportamento e seu rendimento geral. Foram construídas tabelas com os indicadores psicopatológicos que identificam os problemas de crianças entre 4 e 10 anos de idade, causados pela separação dos pais, segundo os autores estudados sobre o tema, da expressão gráfica infantil nos Testes de Desenho Livre e H.T.P.

Palavras Chave: Indicadores gráficos (DL e HTP). Criança. Separação dos pais.

ABSTRACT

This study has the general objective: Identify the indicators that demonstrate psychological problems of children between 4 and 10 years of age caused by the separation from parents, through the literature that deal with the Freehand testing and Test House, Tree and Person. Justifies the interest in this topic on child graphic expression and the problems that arise for the separation of the parents, by the value of preventive work that can perform this professional children's play area, allowing the

educational and family counseling to prevent or heal frustrations and conflicts and you can say about your behavior and your overall income. Tables were built with psychopathological indicators that identify the problems of children between 4 and 10 years old, caused by the separation from parents, the authors studied on the subject, the child graphic expression in Freehand tests and HTP.

Keywords: Graphic Indicators (DL and HTP). Child. Separation from parents.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A EXPRESSÃO GRÁFICA INFANTIL	11
2.1 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA EXPRESSÃO GRÁFICA INFANTIL	12
2.2 O DESENVOLVIMENTO DO DESENHO NA CRIANÇA.....	13
2.3 AS MANIFESTAÇÕES GRÁFICAS INFANTIS COMO ELO DE COMUNICAÇÃO .	18
2.4 A INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS	24
3 AS MANIFESTAÇÕES GRÁFICAS INFANTIS E A SEPARAÇÃO DOS PAIS	27
3.1 DA FAMÍLIA	27
3.2 AS CRIANÇAS E A SEPARAÇÃO DOS PAIS	29
3.3 O EFEITO DO DIVÓRCIO NA VIDA DAS CRIANÇAS	32
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	0

1 INTRODUÇÃO

9

O homem é um ser que tem sua especificidade marcada pela capacidade de adaptação a diferentes culturas, um processo que se dá na sua relação com ambiente, em dado momento da história, inclusive com os seus semelhantes, ou seja, os relacionamentos humanos mudam com o passar do tempo.

São diversas as formas e os níveis de relacionamento que podem estabelecer o ser humano com o mundo e com outras pessoas em vários momentos de sua existência. O casamento pode ser dito como um destes tipos de relacionamento e como os demais vem sofrendo alterações durante o tempo.

A estruturação da família é uma questão de grande destaque pois, devido a

esta importância, pode-se fazer uma reflexão se a família é meramente um fato proveniente da natureza, ou se ela é fato advindo da cultura a que é submetida na convivência em sociedade. A partir do momento que ocorre a ruptura da sociedade conjugal, surge a necessidade de analisar a situação dos filhos, sendo estas fundamentadas sempre no melhor interesse para o menor.

No entanto, a separação litigiosa por não ser feita de comum acordo, sendo normalmente associada por forte dissenso entre os pais, poderá ensejar em uma disputa desmesurada na guarda dos filhos. Nesses casos a situação tende a ser mais complexa, haja vista que não existe sincronia de vontades e nenhuma das partes está interessada em abrir mão de seus interesses. Essa disputa poderá interferir na guarda das crianças, que passam a ser vítimas do dissenso entre seus pais.

São vários os fatores que determinam estas situações, se destaca entre estes a separação dos pais, em muitas ocasiões com presença de violência física e /ou psicológica; e que afeta o desenvolvimento da criança. Conflitos e frustrações são comportamentos que a criança demonstra diante da separação dos pais.

Nesses casos a investigação e o acompanhamento psicológicos tornam-se um instrumento importante na medida que podem avaliar e intervir, nos prejuízos causados pelo surgimento dos conflitos e frustrações dessas crianças.

O trabalho que resulta da investigação bibliográfica ora realizada, motivou-se a partir da observação do pesquisador de que há o estabelecimento de novas configurações familiares, ou seja, da transformação nas relações humanas e

também de como as crianças se comportam perante as perdas que envolvem a

separação dos pais.

Outrossim, importa igualmente a este trabalho como as crianças podem expressar esses possíveis conflitos derivantes da separação dos pais por meio do desenhar.

Espera-se que ao final possa mostrar por meio da análise bibliográfica que se procederá, que há possibilidade de identificar, na expressão gráfica de crianças, elementos sobre a separação de seus pais.

Com isso, o trabalho em tela possui o seguinte objetivo geral: Identificar os indicadores que demonstrem problemas psicológicos das crianças entre 4 e 10 anos de idade causados pela separação dos pais, mediante a bibliografia que tratam sobre os testes de Desenho Livre e Teste da Casa, Árvore e Pessoa (HTP).

Se justifica o interesse neste tema sobre a expressão gráfica infantil e os problemas que se apresentam pela separação dos pais, pelo valor do trabalho preventivo que poderá realizar o profissional desta área infantil, que permita a orientação escolar e familiar para impedir ou sarar frustrações e conflitos, e que possa dizer sobre o seu comportamento e seu rendimento geral.

Foram construídas tabelas com os indicadores psicopatológicos que identifiquem os problemas de crianças entre 4 e 10 anos de idade, causados pela separação dos pais, segundo os autores estudados sobre este tema, da expressão gráfica infantil nos Testes de Desenho Livre e H.T.P.

2 A EXPRESSÃO GRÁFICA INFANTIL

11

2.1 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA EXPRESSÃO GRÁFICA INFANTIL

Desde o surgimento do homem já se usava o desenho como forma de expressão, nas culturas da antiguidade, deixando marcas da sua história registradas sob a forma de desenhos. O desenho da idade média transporta-nos para o ambiente da época com as suas personagens ingênuas e espaços "impossíveis" por ausência da perspectiva (SANTOS, 2010).

Já no renascimento o desenho ganha força com as suas perspectivas sublimes e a sensibilidade dos artistas. Cada cultura possui saberes, códigos e valores próprios e, portanto condiciona os sistemas de comunicação. O desenho de cada período histórico é condicionado por aquilo que em determinado momento histórico é considerado verdadeiro e digno de importância (SOARES, 2011).

Mesmo desenhos do mesmo indivíduo, por vezes variam conforme diversos fatores condicionantes, como a experiência, vivências e estados de espírito. Sempre

um registro desenhado parte de uma experiência de observação da realidade.

Refletindo sobre o que vê, o homem registra o que compreende da realidade e o que julga ser digno de interesse. Do ponto de vista do observador procura-se fazer a decodificação do que se vê representado, a partir do que se conhece do mundo, fazendo associações automáticas entre o que se conhece da realidade e o que vê representado (SOARES, 2011).

O receptor, aquele que analisa um desenho, também só perceberá nele o que conseguir ou quiser entender. A cultura que cada um possui, vai tornando os mais ou menos capazes de extrair "leituras" de uma imagem ou desenho.

De acordo com Vygotsky (1988):

[...] o desenho é o registro do gesto, constituindo passagem do gesto a imagem. Essa característica e a referente percepção da possibilidade de apresentar graficamente o desenho como precursor da escrita. A percepção do objeto, no desenho, corresponde à atribuição de sentido dada pela criança, constituído a realidade conceituada e não material. Inicialmente o objeto representando é reconhecido após a realização do desenho, quando a criança expressa verbalmente o resultado a ação gráfica identificada do objeto pela sua similaridade. Momento fundamental de sua evolução se constitui no ato gráfico, manifestada pela verbalização, indicando a intenção previa e o planejamento da ação (VYGOSTKY, 1988, p. 44).

12

A criança, inicialmente desenha o que conhece e gradualmente vai percebendo que pode realizar esse desenho a partir da observação, e depois abstrair para imaginação reproduzindo pensamentos.

O desenho é extremamente importante para criança da educação infantil ele é a linguagem de comunicação e expressão que a criança naturalmente utiliza no seu processo de crescimento.

A expressão do desenho começa quando a linguagem falada já teve grande progresso, pois esta auxiliará na interpretação dos desenhos que as crianças fazem. Primeiramente, as mesmas desenhavam apenas de memória, não desenhavam o que veem, mas sim o que conhecem, e estes desenhos têm por base a linguagem verbal, que é o primeiro estágio do desenvolvimento da linguagem escrita.

Os desenhos não são feitos de forma mecânica. Neste estágio, o escrever não ajuda a criança a lembrar do que fez a criança ainda não desenvolveu uma função mnemônica.

Nos seus experimentos, Carano (2010) constata que quando a criança fala e anota, na hora de ler lembra-se menos da sentença, do que se não tivesse escrito, pois nesta etapa a criança não faz o mínimo esforço para se lembrar, confiando totalmente nas suas anotações que se encarregariam da recordação.

Em outro experimento, quando a criança se lembra de todas as sentenças, isto ocorria independentemente dos esforços gráficos, ou seja, isto acontece porque a criança mobiliza todos os expedientes da memória mecânica direta, sendo que nenhum destes é encontrado na escrita.

A criança fixa e relembra, não registra para depois ler, os rabiscos não são utilizados, pois ainda neste estágio seus esforços gráficos não constituem uma escrita ou mesmo um auxílio gráfico, e sim desenhos independentes da tarefa de auxílio na recordação.

2.2 O DESENVOLVIMENTO DO DESENHO NA CRIANÇA

A arte das manifestações gráficas, ou arte de representar as palavras através de desenhos é uma das manifestações artísticas mais antigas, existindo desde o início da humanidade. Através desta produção o homem registrava suas vivências por meio de desenhos feitos nas paredes das cavernas. Naquele tempo, já se utilizava a criatividade para mostrar a transcrição do momento histórico, que possuía uma linguagem simbólica própria, significantes aos seres daquele contexto.

O ato de escrever, assim como o desenhar, pressupõe, desse modo, a habilidade para usar determinada insinuação (a título de ilustração, uma linha, um borrão, um ponto) como signo ativo auxiliar, sem qualquer acepção ou significado em si mesmo, mas unicamente na condição como uma operação que denota em comunicação (PIAGET, 1948).

A criança como ser completo, tomando posse de um papel, ou qualquer superfície onde possa fazer registros, ela é capaz de mostrar sua realidade e o produto dessa realidade que se encontra repleta de sentimentos. Diferentemente de antigamente que suas produções artísticas eram vistas num sentido mais restrito, onde a mesma era considerada como um ser em miniatura e sua expressão gráfica não era valorizada sendo considerada imperfeita e inferior a dos adultos.

Segundo Rousseau *apud* Ballone, Neto e Ortolani (2010, p. 32): "a criança é uma criança, não um adulto". Essa teoria veio identificar a infância como uma etapa distinta e importante do desenvolvimento em direção à idade adulta. Surgindo assim uma nova visão de desenvolvimento infantil nos quais seus feitos ganham vida por representar também o que ela conhece em relação ao mundo (BALLONE, NETO E

ORTOLANI, 2010).

As manifestações gráficas infantis simbolizam a atividade imaginativa da criança que corrobora significados abrangidos por ela, haja vista que em tais manifestações gráficas são feitas com o amparo de suas experiências vivenciadas pela própria percepção da sua realidade, a qual se faz conservar pela memória, esta arrumada por lembranças carregadas de certo tipo de significado (BALLONE, NETO E ORTOLANI, 2010).

Dessa maneira, as manifestações gráficas fundamentam-se em um signo, já que é alçada a função de representação de significados da criança. Em outras

14

palavras, assume a função de mediador entre o pensamento da criança e o mundo que a rodeia (PIAGET, 1948).

Ao seguir tal assertiva, visualiza-se o papel no âmbito da produção gráfica como um antecessor da escrita. Em contraposição com um determinado número de outros desempenhos e manifestações psicológicas, a escrita pode ser determinada como uma função que se realiza, tradicionalmente, por intermédio da mediação. A condição mais importante exigida para que a criança tenha a capacidade de tomar nota de determinada noção, conceito ou frase é que certo estímulo, ou insinuação particular oriunda de um fator externo.

Para Derdyk (2000) os desenhos são muito importantes na vida da criança e Coloca:

O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança agir sobre o mundo que o cerca; intercambiar e comunicar. A criança projeta no desenho o seu esquema corporal, deseja ver sua própria imagem refletida no espelho de papel Os traços, os rabiscos as garturjas estão ali, escondendo os índices de uma realidade psíquica não imediatamente acessível, exibindo uma atividade

profunda do inconsciente Existe uma vontade de representação como também existe uma necessidade de trazer a tona desejos interiores, comunicados impulsos emoções e sentimentos. Será se com o adulto não ocorre o mesmo? Toda criança, mas nem toda criança gosta necessariamente de desenhar. Algumas, provavelmente preferirão outras atividades expressivas, como pintar, cantar, contar historia construir e representar (DERDYK, 2000, p.51).

Mas, o desenho gráfico passa por diferentes etapas de acordo com as faixas etárias, conforme refere o autor a seguir.

Estudiosos do grafismo infantil sem exceção reconhecem determinadas fases, etapas ou períodos que são comuns aos sujeitos em processo de apropriação do desenho enquanto sistema de representação até a representação gráfica plástica propriamente dita, podemos claramente identificar aspectos visuais invariantes no processo de apropriação do desenho como sistema semiótico de representação por parte do sujeito (ALEXANDROFF, 2010 p 26/27)

Explica Moreira (1997) que a criança em seu primeiro ano de vida, realiza em forma de “garatuja” termo usado para nomear os rabiscos que elabora. Já por volta de dois anos, a criança passa do primeiro momento da sensação direta ao mundo das relações e busca vínculos entre os objetos. Estes ganham importância e a criança estabelece correspondências e analogias dentro do que desenha.

15

Nessa questão, Barros (2010), faz as seguintes considerações, dividindo a fase da guaratuja em três sub divisões:

Na fase da Garatuja desordenada, a criança não tem consciência da relação traço-gesto; muitas vezes, nem olha para o que faz. Seu prazer é explorar o material, riscando tudo o que vê pela frente. Segura o lápis de várias formas, com as duas mãos ou alternando. Não usa o dedo ou o pulso para controlar o lápis. Faz movimentos de vaivém, vertical ou horizontal; muitas vezes, o corpo acompanha o movimento. Na fase da Garatuja ordenada, a criança descobre a relação do gesto-traço. Passa a olhar o que faz, começa a controlar o tamanho, a forma e a localização do desenho no papel. Na etapa da Garatuja nomeada, a criança faz passagem do movimento sinestésico, motor, ao imaginário, ou seja, representa o objeto concreto através de uma imagem gráfica. Distribui melhor

os traços no papel. Anuncia o que vai fazer, descreve o que fez, relaciona o desenho com o que vê ou viu, sendo que o significado do seu desenho só é tangível para ela mesma. Começa a dar forma à figura humana. Toda criança desenha. Tendo um instrumento que deixa uma marca: A varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçada, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias (BARROS, 2010, p. 33).

Di Leo (1985) explica que nesta faixa etária a criança começa a traçar signos sem representações iniciais e descobre uma analogia com os objetos conhecidos e passa a nomear seu desenho.

Bordoni (*online*) leciona que:

Na garatuja, a criança tem como hipótese que o desenho é simplesmente uma ação sobre uma superfície, e ela sente prazer ao constatar os efeitos visuais que essa ação produziu. No decorrer do tempo, as garatuja, que refletiam sobretudo o prolongamento de movimentos rítmicos de ir e vir, transformam-se em formas definidas que apresentam maior ordenação, e podem estar se referindo a objetos naturais, objetos imaginários ou mesmo a outros desenhos. Na evolução da garatuja para o desenho de formas mais estruturadas, a criança desenvolve a intenção de elaborar imagens no fazer artístico.[...]. Passa também a constatar a regularidade nos desenhos presentes no meio ambiente e nos trabalhos aos quais ela tem acesso, incorporando esse conhecimento em suas próprias produções. No início, a criança trabalha sobre a hipótese de que o desenho serve para imprimir tudo o que ela sabe sobre o mundo. No decorrer da simbolização, a criança incorpora progressivamente regularidades ou códigos de representação das imagens do entorno, passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que se vê (BORDONI,*online*).

As crianças entre 3 e 4 anos tentam reproduzir as formas dos objetos. Nesta etapa próximo a 4 anos, ela desenha mais aquilo que sabe do objeto e não só aquilo que vê. Aqui a memória tem papel importante, permitindo evocar objetos e sensações ausentes.

Entre 5 e 6 anos as crianças são muito observadoras o que faz que aumente

o seu repertório, o que leva a mudanças significativas, donde aparecem no desenho construções mais ordenadas, surgindo os primeiros símbolos. Essa passagem se dá pela interação da criança com mais atividades e outras pessoas.

De acordo com Ballone, Neto e Ortolani (2010) no decorrer da simbolização a criança incorpora um código de representações de imagens considerando que o desenho serve para imprimir seu desejo sobre o que experimenta.

Ballone, Neto e Ortolani (2010) afirmam que o desenho é expressão própria da criança e que possui linguagem determinada, ou seja, o prazer de desenhar está associado ao prazer de deixar sua marca; e geralmente são em lugares comuns da casa, como pode ser o sofá, livros, paredes e muitas vezes em lugares onde não deve.

Entre 6 e 7 anos, as crianças começam a se interessar pela noção de medidas de relações de tamanhos por exemplo “grande ou mais grande” e de deslocamento dos objetos entre si. Aqui as figuras representadas assumem posições diferentes de acordo com distâncias e luminosidades variadas.

Assim, é por volta dos 11 a 12 anos, onde a criança descobre a perspectiva e algumas leis dos desenhos, o que diminui a sua produção e tende a se juntar com as produções dos adultos.

Sendo assim o uso de testes e técnicas psicológicas podem fornecer em sua análise diversos elementos ou indicadores relacionados ao comprometimento do desenvolvimento infantil.

Uma das técnicas facilmente acessível para a criança e para o profissional é a técnica do desenho livre, pois é natural da criança gostar de desenhar e rabiscar.

Para Araújo (2007)

A técnica de aplicação é bastante simples, assim como o material: folhas de papel em branco, sem pauta, tamanho ofício, lápis de cor e lápis preto nº 2. O material é espalhado sobre a mesa, onde devem estar sentados, frente a frente, o aplicador e o examinando. Uma vez estabelecido um bom rapport, coloca-se diante do sujeito uma folha de papel na posição horizontal e pede-se a ele para fazer um desenho livre – o que quiser e como quiser ARAÚJO (2007, p 136).

17

A Avaliação psicológica de crianças tem sido demanda constante para os profissionais de Psicologia. Elas ganham força, sobretudo, com a crescente demanda nos últimos anos da emissão de laudos e pareceres para auxiliar o Poder Judiciário nas situações de disputa de guarda. No entanto além destas citadas, que constantemente são solicitadas, está se tornando cada vez mais comum que um dos genitores separados, juntos ou uma das partes, peçam avaliação psicológica ou neuropsicológica dos filhos e ainda escolas dos seus alunos para o planejamento do processo de ensino aprendizagem.

Essa constância deve-se pelo motivo já explorado da frequência com que esse evento ocorre na atualidade e os pais acabam por brigar pela guarda dos filhos uma prática muito comum, pois decorre das situações de separação, que conforme outrora foi falado. Isto exige dos profissionais constantes estudos visando o melhoramento de sua prática (LAGO e BANDEIRA, 2008)

A técnica de Desenho Livre é muito utilizada pelos profissionais neste tipo de avaliação. Conforme estudo de Lago e Bandeira (2008) a técnica do desenho só não é mais usado do que as entrevistas com pais e filhos, sendo a 3ª mais usada entre os profissionais que realizam a avaliação psicológica envolvendo disputa de guarda

no país. Dada a delicadeza da situação, percebe-se que esta é uma técnica com grande potencial para ser usada com as crianças de forma geral, e de forma particular, em situações onde as crianças tiveram seus pais separados para fins de psicodiagnóstico clínico ou pericial.

2.3 AS MANIFESTAÇÕES GRÁFICAS INFANTIS COMO ELO DE COMUNICAÇÃO

No desenvolvimento de sua infância, período inicial de formação do indivíduo, a criança vai descobrindo novas elocuições, como a oralidade, os gestos, a brincadeira e outras atividades motoras. O desenho é uma delas. Esse método de conhecimento do mundo é fundamentalmente comunicativo e indispensável para o desenvolvimento da criança, pois é a primeira porta na qual a criança abre o seu interior.

18

Bordoni (*online*), explica que os desenhos consistem em modo de expressão próprio da criança, constitui uma língua que possui vocabulário e sintaxe próprios, diferentes da linguagem escrita. Isso porque, para a autora “Percebe-se que a criança faz uma relação próxima do desenho e a percepção pelo adulto. Ao prazer do gesto associa-se o prazer da inscrição, a satisfação de deixar a sua marca” (BORDONI, *online*).

O processo de desenhar é para a criança, tão natural quanto falar. Ao passo que ele cria formas, cresce também um aprendizado de base, servindo mais adiante para aquisição e o desenvolvimento da escrita como a postura do corpo e da cabeça movimento da mão e do braço, sentido da rotação e interrupção dos traços, traço

contínuo, distribuição das manifestações gráficas no papel. O que a faz adquirir mais precisão em seus movimentos de coordenação motora.

Antes, não era dada uma concreta importância para o ato de desenhar, sendo que eram proporcionadas à criança apenas a disponibilização de certos materiais, sendo que a criança ficava entretida com o passatempo e já não dava „trabalho“ para os pais (BALBUENA e RIVERA, 2007).

Atualmente a situação é totalmente diferente haja vista que muito foi mudado, assim os adultos se demonstram mais curiosos pelas manifestações gráficas das crianças. Ainda, profissionais da psicologia, pedagogia, psicopedagogia, entre outros percebem nesta ação um aspecto primordial, no qual a criança se expressa por meio das manifestações gráficas as suas emoções, ressaltando segredos que se passam no seu mundo interno e que ainda não é capaz de se expressar por meio da linguagem verbal, tal qual como acontece com a criança autista (BARROS, 2010).

A criança brinca e desenha com naturalidade, possuindo características básicas que correspondem ao seu desenvolvimento geral. Possui uma fecunda capacidade de imaginação, pois tem a dádiva de fantasiar e de unir o que conhece, de modo a ultrapassar os limites do possível e do impossível, conquistando, assim, uma criatividade aguçada. A criança não desenha o que vê, mas o que sabe o que sente. Seu saber é seu sentir e perceber.

De acordo com Pillar (1996):

[...] ao desenhar, a criança está inter-relacionando seu conhecimento objetivo e seu conhecimento imaginativo. E, quando se apropria das convenções do desenho, a criança está aprimorando esse sistema de representação gráfica. “Isso não quer dizer que ela deva representar os objetos de um modo mimético, mas que, em sua interpretação do espaço,

Derdyk (1989, p. 51) traz importantes contribuições sobre o desenho enquanto representação social, das quais foram eleitos os seguintes pontos:

- A criança enquanto desenha, canta, conta história, teatraliza, imagina ou até silencia. O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário.
- O desenho manifesta o desejo da representação, mas também o desenho pode ser medo, opressão, alegria, curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial.

A criança que vive no mundo eternamente em transição encontra-se inserida na vertente sociocultural do adulto na qual interage e se relaciona E o desenho como uma atividade do imaginário requer uma reflexão profunda, pois nele a criança manifesta conteúdo através de imagens onde muitas vezes trata das mensagens subliminares, escondidas através de traços presentes no papel.

Em presença dessas revelações, é inegável o valor das contribuições sobrevindas do desenho infantil na aprendizagem e evolução física da criança, visto que as manifestações gráficas é uma prática favorável para a aquisição de tais enriquecimentos e um ensaio para investimento contínuo da escrita onde a criança representará ideias ou palavras através do uso de sinais.

O desenho é uma das formas mais primitivas de comunicação e podem expressar a interação do indivíduo com seu meio, ou seja, aparece como uma resposta em relação a uma dada situação. Menezes *et al* (2008) diz que essas respostas são decorrentes da combinação de um conjunto de oportunidades ambientais e de estímulos que podem ser ou não de natureza ambiental.

É comum ver na mão da criança o lápis e o papel e esta é uma maneira dela ficar e sentir-se livre no que está fazendo. Também normalmente não se percebe a

grandiosidade que tem aquele desenho que a criança faz. Observando isto o profissional poderá perceber pontos fracos como as dificuldades e problemas no desenvolvimento, ou pontos fortes como aptidões e habilidades a timidez e também as dificuldades no relacionamento familiar.

20

O desenho tem sido compreendido como um meio que permite a criança organizar informações, processar experiências vividas e pensadas, estimulando-a a desenvolver um estilo de representação singular do mundo. Portanto, as experiências gráficas fazem parte do crescimento psicológico e são indispensáveis para o desenvolvimento e para a formação de indivíduos sensíveis e criativos, capazes de transpor e transformar a realidade (GOLDBERG, YUNES & FREITAS, 2005 *apud* MENEZES *et al* 2008, p. 190)

As crianças se expressam através de desenhos dos rabiscos, bolinhas, casinhas e nuvem; o sol e a figura humana nem sempre são percebidos pelo o adulto. No entanto note-se que a criança transmite sua maturidade nos desenhos que fazem, por exemplo, garatujas, rabisco, bolas e outros.

A par disto a técnica do desenho livre consiste além do simples desenhar, mas alinhado a isto se utiliza de técnicas científicas para seus pressupostos teóricos, sua aplicação e análise. Ela é comumente classificada como técnica projetiva. No entanto é também utilizada como teste de personalidade e que auxilia no processo de psicodiagnóstico conforme aponta Araújo (2007, p. 136) “o desenho livre é um recurso auxiliar da entrevista, muito utilizado para levantar informações sobre vários aspectos da personalidade”.

O desenho é o meio pelo qual a criança permite transparecer seu interior, seu consciente e seu subconsciente, apresentando enorme importância para a

comunicação eficaz e o entendimento desse “ser tão pequeno” que muitas vezes não sabe como comunicar-se através das palavras.

Goulart, *apud* Moreira (1997, p. 32) diz que:

A comunicação humana é um processo que envolve a troca de informações, e utiliza os sistemas simbólicos como suporte para este fim e o desenho, dentre outras formas de produção de linguagem admite o acesso aos símbolos e signos culturais assim como a possibilidade de edificação de novos símbolos e signos que orientarão o comportamento, a maneira de ver, sentir e viver da criança. Dessa forma, comunicando, compreendendo idéias, sentimentos e organizando seu pensamento.

Como sistema simbólico, o desenho constitui e é ao mesmo tempo uma via por onde a criança transmite e comunica para outra criança e para ela mesma, os sentidos e ideias compartilhadas no mundo cultural a qual está inserida.

21

De acordo com a teoria de Vygotsky (1988), a cultura impregna o modo de pensar, sentir e aprender. O que para a criança pode ser reproduzido, expressado e registrado por meio de desenhos como instrumento particular da linguagem, permitindo-lhe a leitura do mundo e suas manifestações acerca do meio em que vive.

Precedido pela garatuja, fase inicial das manifestações gráficas, o desenho se caracteriza a priori pelo exercício da ação e passa a ser considerado como tal a partir do reconhecimento pela criança de um objeto no traçado que realizou, predominando a assimilação. Isto é o objeto é modificado em função da significação que lhe é atribuída.

Outros requisitos do desenho são destacados por Vygotsky (1988). Um deles é relativo ao domínio do ato motor, onde o desenho é o registro do gesto, formando passagem do gesto à imagem. Essa característica é referente ao conhecimento da possibilidade de representar graficamente configurando o desenho como algo que precede a escrita. Onde o instante essencial de seu progresso se constitui na antecipação do ato gráfico, revelada pela verbalização, indicando a intenção prévia e o planejamento da ação (VYGOTSKY, 1988).

Como manifestação simbólica, o desenho ajuda a compreender o caráter da representação, pois ao desenhar a criança compreenderá que o que ela vê no mundo exterior, pode ser representado graficamente.

Pillar (1996) afirma que “(...) ao desenhar, a criança está inter-relacionando seu conhecimento prático e seu conhecimento imaginativo”. E, simultaneamente, “(...) está aprimorando esse sistema de representação gráfica” (PILLAR, 1996, p. 51)).

Partilhando da mesma opinião, Lowenfeld (1988) *apud* Moreira (1997), ressalta a importância do desenho para o desenvolvimento da criança, seja como veículo de auto expressão ou como de desenvolvimento da capacidade criativa e da representativa (MOREIRA, 1997).

Os desenhos infantis, em virtude do que expressam, podem ser qualificados como a possibilidade de compreender a trajetória da criança em seus aspectos

fundamentais, uma vez que os movimentos e os traçados de cada fase têm suas próprias significações e belezas.

Porém, em cada estágio o desenho assume um caráter próprio que definem maneiras de desenhar que são bastante parecidas em todas as crianças, apesar das diferenças individuais de temperamento e sensibilidade.

Luquet (1979) dividiu as etapas gráficas em Realismo Fortuito, Realismo fracassado, Realismo intelectual e realismo visual.

Diante das nomenclaturas atribuídas pelos referidos teóricos da evolução gráfica infantil, é percebido que a linha de progresso é similar, mudando com maior destaque o enfoque em alguns aspectos. Entretanto, independente dessas terminologias o extraordinário é tentar compreender melhor a natureza infantil sabendo que a interpretação de um desenho isolada do contexto em que foi elaborado não faz sentido.

E dessa forma permitir que a criança possa ilustrar à vontade, com liberdade física e mental explorando diferentes materiais com diferentes tipos de desenhos e obras de artes. Portanto, diante de todo o conteúdo exposto há uma possibilidade de ampliação da compreensão e da valorização do desenho espontâneo infantil como sendo mais que uma brincadeira de se fazer arte, mas também como papel importante no desenvolvimento de várias capacidades infantis, pois através do que a criança desenha, é possível descobrir e distinguir as fases pelas quais a criança está atravessando, seus enigmas, assim como seus pontos positivos. Expressando emoções, opiniões, medos, dúvidas e exercendo influência fundamental sobre o desenvolvimento da personalidade infantil e sobre o futuro das crianças.

Durante muito tempo o desenho da criança foi comparado com as produções dos povos primitivos, porém hoje verifica-se que tais assimilações foram apressadas. Conforme Mèredieu (2006, p.100) “a criança participa de uma cultura que não tem

nada a ver com as sociedades primitivas”.

Existem analogias entre os desenhos infantis, as produções dos povos primitivos e da Idade Média, nestas produções encontram a transparência, a sobreposição dos planos, o plano deitado, as pinturas egípcias da mesma maneira que os sistemas pictográficos dos índios da América do Norte e os desenhos da Idade Média utilizam o processo do plano deitado,

23

Assim como o primitivo a criança domina pouco a pouco representações topológicas difíceis de representar. Gourhan (1964, apud MÈREDIEU, 2006) estudando a pré-história percebeu que uma fase podia ser descoberta na criança, pois o aglomerado e o rabisco não relatam nenhuma intenção representativa, um fato que pesava em favor da hipótese de que a evolução do grafismo e a da arte podem ser comparadas, fase pré figurativa que precede a arte figurativa caracterizada por uma indiferenciação ainda obscura evoluindo para a descoberta da criança. Logo após tem a evolução dos dois estilos, o pré-histórico e o infantil, que aos poucos passam-se ao realismo, marcando o fim de um ciclo.

O desenho infantil também reflete a atualidade, há uma evolução nas escolhas dos assuntos de acordo com algumas tradições sociais, segundo Mèredieu (2006, p.111) “a criança parece ceder à utilização de um código social”. De três a cinco anos, a criança praticamente tem esta influencia nula, tira do seu repertório clássico temas infantis como navio, sol, casa e etc. ao entrar na escola depois dos cinco anos a criança descobre um universo até então desconhecido para ela, a partir deste momento amplia-se seu repertório, passa a reconhecer e explorar o valor social de alguns objetos e de alguns temas.

Mèredieu (2006, p.111 – 113) destaca que:

O desenho torna-se então o eco dos acontecimentos modificando ou acentuando a vida social e política que a criança exprime com seus meios técnicos próprios utilizando um conjunto de estereótipos culturais, profundamente marcados pela ideologia da classe social e do país a que ela pertence.

A criança representa o objeto, fazendo sua interpretação, Piaget (1948, apud MÈREDIEU, 2006, p. 13) “a origem do conhecimento está na ação do sujeito quando interage com o objeto”, por isso a representação do adulto e da criança são expressados de maneira diferente, pois a criança representa todo conhecimento que ela tem sobre o objeto a ser representado e possui essa necessidade. O desenho é uma forma de representação que pode revelar o conteúdo da imagem mental da criança (MÈREDIEU, 2006).

2.4 A INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS

24

A interpretação das manifestações gráficas infantis varia conforme a análise do profissional. Isso porque, as manifestações gráficas infantis consistem em é um ambiente do provável, do indeterminado, dos significados. Daí surge a importância de se ponderar o primeiro desses “, profissionais” intérpretes, qual seja, a própria criança, para que se possa entender o seu significado (RABELO, 1935).

A partir dos desenhos realizados pelas crianças, seja por meio da técnica de desenho livre, ou da técnica do H.T.P. é possível fazer a interpretações, a partir da qual podem ser revelados diversos elementos do desenvolvimento da criança.

Para a interpretação das técnicas projetivas gráficas, uma das autoras que

mais se destaca é Van Kolck (2010). Ela considera que os desenhos das crianças, assim como outros de diferentes faixas etárias, devem ser analisados e interpretados de forma global, observando a sua configuração geral.

Enfatiza que este tipo de interpretação requer uma grande experiência clínica psicológica, e também em psicopatologia e psicologia da personalidade; e sugere que quando esta exigência ou requisito não pode ser cumprido, é necessária a avaliação e interpretação dos desenhos em seus detalhes ou seja em forma de avaliação molecular (VAN KOLCK, 2010).

Outra autora de trabalho sobre os desenhos das crianças é Bedard (2010) que se refere:

Analisar um desenho não é o mesmo que interpretá-lo, pois existe uma diferença real e concreta entre ambos os conceitos. A análise responde a um enfoque técnico e racional e se fundamenta em bases solidamente comprovadas. A interpretação dos desenhos das crianças é o resultado ou a síntese da análise. Tanto a análise como a interpretação tem muitos pontos em comum com a grafologia, tais como a informação transmitida pela orientação espacial do dialogo pelas suas dimensões, pela pressão do lápis, etc. (BÉDARD, 2010, p. 7).

Segundo esta autora nas casas das pessoas que já possuem conhecimentos sobre este tema, é mais fácil abordar a análise dos desenhos das crianças , ainda se não for o caso convida a procurar ajuda para descobrir os princípios básicos desta análise. Para o entendimento das manifestações gráficas da criança, é primordial que se entenda o processo de sua produção. Luquet (1979), defendia o seu método de

análise das manifestações gráficas a contar do desenhar de uma criança e a

importância de se primar por uma análise científica acompanhando e anotando todas as ações e comunicações antes, durante e depois o ato de desenhar alguma coisa (DUARTE, 2007).

3. AS MANIFESTAÇÕES GRÁFICAS INFANTIS E A SEPARAÇÃO DOS PAIS

3.1 DA FAMÍLIA

A concepção de família possui inúmeras significações que podem variar conforme a ciência ou ramo do direito que a estuda. Mesmo no âmbito da história, o conceito de família implica em diversas contextualizações que mudam o significado do estudo em tela.

Desse modo, conforme leciona Rodrigues (2004):

O vocábulo família é usado em vários sentidos. Num conceito mais amplo poder-se-ia definir a família como formada por todas aquelas pessoas ligadas por vínculo de sangue, ou seja, todas aquelas pessoas provindas de um tronco ancestral comum, o que corresponde a incluir dentro da órbita da família todos os parentes e consanguíneos. Numa aceção um pouco mais limitada, poder-se-ia compreender a família como abrangendo os consanguíneos em linha reta e os colaterais sucessíveis, isto é, os colaterais até quarto grau. Num sentido mais restrito, constitui família o conjunto de pessoas compreendido pelos pais e sua prole (RODRIGUES, 2004, p. 04).

Nota-se que, em sua conceitualização, a família poderá ser definida de forma ampla, específica, conforme a abordagem. Ora o familiar pode ser considerado apenas o que possui o mesmo ancestral comum, ora poderá ser por afinidade, onde as pessoas são ligadas por vínculos de proximidade.

Pereira (2005), por sua vez:

Ao conceituar a “família”, destaque-se a diversificação. Em sentido genérico e biológico, considera-se família o conjunto de pessoas que descendem de um tronco ancestral comum. Ainda neste plano geral, acrescenta-se o cônjuge, aditam-se os filhos do cônjuge (enteados), os cônjuges dos filhos (genros e noras), os cônjuges dos irmãos e os irmãos do cônjuge (cunhados). [...] [Contudo] em senso estrito, a família se restringe pelo grupo formado pelos pais e filhos. Aí se exerce a autoridade paterna e materna, participação na criação e

educação, orientação para a vida profissional, disciplina do espírito, aquisição dos bons ou maus hábitos [...] Aí se pratica e desenvolve em mais alto grau o princípio da solidariedade doméstica e cooperação recíproca (PEREIRA, 2005, p. 20).

A família pode ser vista como um corpo social vinculado à figura de pessoas próxima em um mesmo ambiente biológico e/ou de afinidade. A solidariedade, consistida pelo auxílio mútuo entre os pares, é primordial para a conceitualização de uma família sob o crivo social. Observa-se que o núcleo afetivo e atenção familiar

27

norteiam a vida do indivíduo, e não apenas ao adolescente, de modo que a família consiste em um meio, e não um fim, para a felicidade e realização pessoal do ser humano, além da formação de seu caráter e de suas perspectivas.

A família também poderá desenvolver o senso de responsabilidade das crianças e dos adolescentes, mesmo quando os mesmos eram crianças, de modo que a carência desses ensinamentos poderá acarretar em má formação da personalidade e do caráter (ELIAS, 1994).

Segundo definição da Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social:

[...]a família é o núcleo social básico de acolhida, convívio, autonomia, sustentabilidade e protagonismo social; a defesa do direito à convivência familiar, na proteção de Assistência Social, supera o conceito de família como unidade econômica, mera referência de cálculo de rendimento per capita e a entende como núcleo afetivo, vinculado por laços consanguíneos, de aliança ou afinidade, que circunscrevem obrigações recíprocas e mútuas, organizadas em torno de relações de geração e de gênero; a família deve ser apoiada e ter acesso a condições para responder ao seu papel no sustento, na guarda e na educação de suas crianças e adolescentes, bem como na proteção de seus idosos e portadores de deficiência; o fortalecimento de possibilidades de convívio, educação e proteção social, na própria família, não restringe as responsabilidades públicas de proteção social para com os indivíduos e a sociedade. (BRASIL, 2005, p. 23)

A família constitui o núcleo afetivo, nela se experimenta o amor e se aprende a amar. Esse espaço é preciso ser saudável, cada sujeito deve desenvolver seu papel de ser amado, desejado, cuidado, respeitado e protegido, um espaço de sinceridade e espontaneidade. Através do núcleo familiar que se constroem vínculos afetivos (TORO, 2012).

Pode-se analisar acerca do que foi relatado, que o afeto é um cuidado fundamental para uma criança, pois, é impossível mensurar o amor, porém é possível verificar o cumprimento e descumprimento da obrigação judicial de cuidar e zelar. No que tange a importância do afeto no âmbito familiar, discorre Madaleno (2009):

O afeto é mola propulsora dos relacionamentos familiares e das relações interpessoais movidas pelo sentimento e pelo amor, para ao fim e ao cabo dar sentido e dignidade à existência. A afetividade deve estar presente nos vínculos de filiação e de parentesco, variando tão-somente na sua intensidade e nas especificidades do caso concreto. (MADALENO, 2009, p. 65)

28

Não está em discussão o amor. Não se pode obrigar a amar, porém é controvertida a imposição biológica e jurídica de cuidar que é dever intrínseco e personalíssimo dos pais.

Hironaka (2010) ressalta pontos importantes acerca do abandono afetivo, considerando que não se trata de circunstância simplesmente individual, mais de um comportamento social danoso.

Conforme a autora:

O dano causado pelo abandono afetivo é antes de tudo um dano à personalidade do indivíduo. Macula o ser humano enquanto pessoa, dotada de personalidade, sendo certo que esta personalidade existe e se manifesta por

meio do grupo familiar, responsável que é por inculcar na criança o sentimento de responsabilidade social, por meio do cumprimento das prescrições, de forma a que ela possa, no futuro, assumir a sua plena capacidade de forma juridicamente aceita e socialmente aprovada. (HIRONAKA, 2010, p. 34)

Observa-se que o dano causado no âmbito afetivo prejudica seriamente na personalidade da criança. Isso porque a sua personalidade e o seu caráter serão manifestador por intermédio da convivência, do carinho e do cuidado familiar. O afeto é fundamental para o crescimento e desenvolvimento comportamental e psíquico das crianças.

3.2 AS CRIANÇAS E A SEPARAÇÃO DOS PAIS

O divórcio é a extinção de um casamento, em suma, quebra o vínculo matrimonial dos cônjuges. Assim a partir de sua consolidação é lícito aos divorciados contraírem novas núpcias.

Segundo Diniz (2013, p. 280), „o divórcio é a dissolução de um casamento válido, ou seja, a extinção do vínculo matrimonial, que se opera mediante sentença judicial, habilitando as pessoas a ter novas núpcias““. Apesar de o divórcio cessar o casamento, vale dizer que a sentença que o declara só terá efeito no futuro (*ex nunc*) restando, desse modo, inalterados os efeitos decorrentes da vigência do casamento.

A transformações nas relações familiares, também conhecidas como adequações familiares tem se mostrado um evento frequente nas ultimas décadas

do século XX e começo do século XXI. Sobre o assunto existem estudos e pesquisas que têm demonstrado uma preocupação com os efeitos da separação de

casais na vida dos seus filhos, especialmente quando crianças (RAMIRES, 2004).

Segundo Crepaldi *et al* (2008), o divórcio acarreta mudanças nas estruturas e dinâmicas familiar. Porém, ele não acaba com a família, mas traz novas configurações no relacionamento da família devido ao rompimento da vida conjugal, entretanto, a família se mantém, mas com uma nova dinâmica, pois a separação traz novas experiência onde ocorre perdas que geram sofrimento.

Deste modo, quando se passa por estas situações há uma nova empreitada a cumprir, ou seja, criar novas formas de procedimento para aprender a lidar com as novas configurações. “[...] mas algumas pessoas conseguem lutar bravamente para sobreviver a este mar tormentoso de crise que se encadeiam uma nas outras até atravessá-la dando início a uma nova etapa” (MALDONATO *apud* MOREIRA, 1997)

Nas últimas décadas aconteceram grandes mudanças no panorama sociocultural geradas entre outros aspectos, pelas mudanças na composição familiar. A sociedade esperava que a família permanecesse estruturada sem dissoluções embora tivesse suas conturbações, porém não foi o que aconteceu.

Segundo Casellato (*apud* LAGO e BANDEIRA, 2008) aceitar o divórcio passou a ser um aspecto cultural que trouxe mudanças na família contemporânea com um novo papel da mulher que não é mais apenas dona de casa, aquela que cuida dos afazeres domésticos, do marido e dos filhos, mas que também está inserida no mercado de trabalho, com novos modelos de laços conjugais onde há delimitações da independência e individualidade são cada vez mais frequente e a excessiva idealização do casamento, com tudo isto o casamento vem sofrendo abalos e rupturas conjugais há algumas décadas.

Os efeitos da separação atingem a todos os envolvidos e para as crianças,

percebeu-se que esses efeitos são mais prejudiciais e duradouros do que se pensava, pois estas crianças são vítimas involuntárias do resultado dessas separações, isto por que este processo provoca estresse derivado do ajustamento que todos devem fazer em suas vidas (RAPOSO *et al*, 2011).

O que o autor coloca ocorre pelo fato de que quando a criança desenvolve-se inicialmente num determinado espaço onde os pais estão presentes e acontece a

30

separação onde um dos pais vai embora, o espaço físico (casa) a criança passa a não se reconhecer nem mesmo em seu corpo, podendo haver, então, uma alienação em suas referências espaciais e temporais, pois uma depende da outra.

Segundo Gonzaga (2005) a vida de todo indivíduo envolve separações transformações perdas e ganhos. São raros os casais que conseguem separar-se civilizadamente geralmente estes relacionamentos se acabam cheios de ressentimentos e conflitos. A experiência da separação que já não é fácil para os pais torna-se também um grande problema para os filhos que acabam ficando como alvo de disputa descarga de irritação e frustração dos pais.

Apesar de todos os envolvidos sentirem os efeitos da separação, é na criança que ela pode deixar consequências mais fortes, haja vista que ela está passando por um processo de desenvolvimento e desta forma, é menos resiliente que seus pais.

a separação ou divórcio dos pais pode desencadear a diminuição da saúde física e psicológica, mas não significa por si só a desadaptação desenvolvimental da criança. Só quando se associa a outros fatores de risco, como o conflito interparental, desencadeia trajetórias desenvolvimentais caracterizadas por uma inadequada adaptação, com piores níveis de saúde física, sintomatologia psicopatológica, pior rendimento acadêmico e comportamentos de risco (NUNES-COSTA *et al*, *apud* RAPOSO *et al*,2011,

p.30).

As crianças cujo os pais separam podem sentir de diversas formas a separação Raposo *et al* (2011) fala que existem crianças que poderão apresentar uma maior capacidade de adaptação positiva em relação a transição familiar, por outro lado outras crianças onde essa capacidade não é tão bem estabelecida as crianças, a depender da idade, pode auto centralizar a responsabilidade pela separação, levando-a a problemas no seu desenvolvimento.

Outro prejuízo que pode ter a criança está vinculado ao relacionamento entre os pais após a separação, quando um deles acaba por arredar da presença do outro o filho, ou seja, a alienação parental que pode acabar resultando em síndrome de alienação parental, conforme explica adiante Fonseca (2006):

A alienação parental é o afastamento do filho de um dos genitores, provocado pelo outro, via de regra, o titular da custódia. A síndrome da alienação parental, por seu turno, diz respeito às sequelas emocionais e

31

comportamentais de que vem a padecer a criança vítima daquele alijamento. (FOSNECA, 2006, p. 164)

Cabe colocar que além das formas de adaptação da criança à separação e o comportamento dos pais, a sintomatologia psicopatológica de pais e das crianças também tem sido motivos de preocupação e alvo da prática psicológica no contexto das transições familiares, e considerando se tratar de um evento que se tornou frequente, os especialistas em saúde mental focalizaram sua atenção nessas transições, numa tentativa de compreendê-las (RAMIRES, 2004), 183.

3.3 O EFEITO DO DIVÓRCIO NA VIDA DAS CRIANÇAS

No âmbito do divórcio o estudo da psicologia é vital para a compreensão do fenômeno jurídico. Isso porque essa matéria voltada para os que atuam no Direito lida com situações familiares nas quais o estudo dos aspectos pertinentes ao foro íntimo das pessoas envolvidas é primordial para que o operador do Direito possa desempenhar bem os seus misteres.

Ressalta-se que o desgaste e separação dos pais poderão ensejar em conflitos que poderão desaguar na própria prole. Os pais, para efetivação da guarda compartilhada, deverão deixar de lado as divergências e os problemas da separação para se atentarem com a educação e os cuidados de seus filhos, que estão acima das divergências passionais. Caso contrário, a guarda compartilhada poderia ser um contrassenso nos direitos dos infantes (RODRIGUES, 2004)

A Alienação Parental foi diagnosticada pela primeira vez pelo psiquiatra norte americano Richard Gardner, na década de 80. Não obstante o tempo decorrido desde a sua identificação, no Brasil ela só foi tipificada no ano de 2010, depois de intensos debates (DIAS, 2013).

Considerado um dos maiores especialistas mundiais nos temas de separação e divórcio, Gardner observou que, na disputa judicial, os genitores deixavam muito claro em suas ações que tinham como único objetivo a luta incessante para ver o ex-cônjuge afastado dos filhos, fazendo muitas vezes uma confusão na mente das crianças. Tal situação pode ser efeito do divórcio, com os seus diversos aspectos.

A estruturação da família é uma questão de grande destaque pois, devido a esta importância, pode-se fazer uma reflexão se a família é meramente um fato proveniente da natureza, ou se ela é fato advindo da cultura a que é submetida na convivência em sociedade, sendo assim de grande interesse para o Direito. Afinal, é na família que a criança aprende os primeiros passos para se preparar para os desafios da sociedade e é na família que se fundamenta os exemplos positivos que poderão influenciar no caráter da criança (DIAS, 2013).

A partir do momento que ocorre a ruptura da sociedade conjugal, surge a necessidade se analisar a situação dos filhos, sendo estas fundamentadas sempre no melhor interesse para o menor. No entanto, a separação litigiosa por não ser feita de comum acordo, sendo normalmente associada por forte dissenso entre os pais, poderá ensejar em uma disputa desmesurada na guarda dos filhos (FILHO, 2012).

Nesses casos a situação tende a ser mais complexa, haja vista que não existe sincronia de vontades e nenhuma das partes está interessada em abrir mão de seus interesses. Essa disputa poderá interferir na guarda das crianças, que passam a serem vítimas do dissenso entre seus pais.

Observa-se que nesses casos, onde não existe consenso e compreensão mútua entre os pais, torna-se impraticável a guarda compartilhada. No entanto, quando há consenso, a guarda compartilhada é o mecanismo mais ideal.

Filho nessa questão explica que:

Pais em conflito constante, não cooperativos, sem diálogo, insatisfeitos, que agem em paralelo e sabotam um ao outro contaminam o tipo de educação que proporcionam a seus filhos, nesses casos, os arranjos de guarda compartilhada podem ser muito lesivos aos mesmos. Para essas famílias, destrocadas, deve-se optar pela guarda única e deferi-la ao genitor menos contestador e mais disposto a dar ao outro o direito amplo de visitas. (FILHO, 2012, p. 21).

Nesses casos, a guarda compartilhada poderá ensejar em alienação parental, quando ou o pai ou a mãe „contaminam“ a prole com acusações entre si, gerando em seus filhos insegurança quanto ao fato de quem está falando a verdade (SANTOS, 2010).

A criança reprimida pela alienação parental poderá ser vítima de problemas psíquicos, os quais afetarão de maneira contundente, na maior parte dos casos, em seu crescimento psicomotor. Os resultados dessa alienação são bastante negativos, haja vista que a criança sente a perda de um padrão, o qual era um notório

33

referencial, antes da alienação. Alguns psicólogos comparam a magnitude de tal situação à da morte de um dos pais, ou familiares mais próximos, que seja objeto da alienação. A criança apresenta uma postura peculiar de ansiedade, mal comportamento, depressão, solidão, ausência de tranquilidade e outras nefastas consequências de cunho psíquicos (SANTOS, 2010).

Ao chegar na fase adulta, a criança poderá, inclusive, ter outras patologias desenvolvidas, tais como transtornos. É possível também que venha a sofrer forte tristeza e revolta, o que poderá desencadear em sua vida social e educacional. A alienação parental, mesmo que aparentemente inofensiva e imperceptível traz resultados para os infantes, e os pais, muitas vezes, não veem a curto prazo o resultado desse tipo de comportamento (ULLMAN, 2014).

A reconstituição dos laços afetivos na família quando acontece, é de forma gradual e bastante dolorida para a criança, a qual torna-se, também, uma vítima desse malévolo comportamento, haja vista que aparecerá da premissa de aquele em quem mais acreditava, o alienador, o manejou, por intermédio da mentira e da dissimulação, para satisfazer seu capricho e seu desejo de destruir a concepção que

a criança tem do genitor que também venha a ser vítima da alienação (DIAS, 2013).

Existe, em proteção à criança, uma lei que prevê a alienação parental, qual seja, a Lei nº 12.318, de 26 de agosto de 2010 estabelece, em seu artigo 2, que a alienação parental consiste na interferência da formação psíquica dos infantes promovida ou induzida por um de seus genitores (incluindo aqueles que tenham a criança ou adolescente em sua proximidade). O fim dessa interferência é causar no menor um repúdio para com outro genitor (FIGUEREDO, 2014).

Esse ato poderá prejudicar o direito da criança e o adolescente a ter uma convivência familiar saudável, além de prejudicar no afeto com o genitor que venha a ser vítima da alienação parental, conforme preunciado pelo artigo 3°. Nesses casos, nos termos da mencionada lei, sem prejuízo de outras ações, determinar a alteração da guarda para guarda compartilhada ou a sua inversão .

A alienação parental na maior parte de sua incidência ocorre por intermédio do pai ou da mãe, ou de ambos. As ingerências na formação psicológicas da criança não ocorrem em virtude do sexo, seja masculino e feminino, mas em razão da estrutura, comportamento e a natureza do relacionamento antes da dissolução da união entre os pais (DIAS, 2013).

34

Quando a alienadora for a genitora, existe um favorecimento pela imagem positiva da mesma diante a prole, considerando que convive mais tempo com os infantes, e para completar a sua figura dramática se esconde por meio das falsas premissas de protetora, cuidadosa e que se sacrifica pelos filhos, ao contrário do pai que „„não gosta do filho““ ou que quer „„afastar o filho da mãe““ ou que „„tratou a mãe muito mal““, entre outras falácias.

No entanto, estas atitudes aparentemente inofensivas, são utilizadas para encobrir ações e estratégias insidiosas e ocultas com o fulcro velado de distanciar o pai de seu filho, causando dano tanto para um quanto para o outro. (GOMES, 2010).

Nesses casos, tanto a guarda compartilhada quanto a individual poderão ser cenários propícios para a alienação parental. Enquanto na guarda compartilhada, a criança, por exemplo, pode ser vítima de falácias mútuas de seus pais, em acusações recíprocas, na guarda unilateral pode ocorrer, a título de ilustração, ações que visam afastar a criança do genitor que não detenha a sua guarda.

Por meio de um entendimento mais uniforme dos juízes em suas decisões, nota-se que existe uma preocupação do Poder Judiciário no que se refere a existência de um relacionamento harmonioso entre os pais, para que não ocorra, entre outros problemas, a alienação parental, e suas nefastas consequências. Os pais, diante os seus filhos, deverão deixar de lado as divergências e os problemas da separação para se atentarem com a educação e os cuidados de sua prole, que estão acima das divergências passionais (GOMES, 2010).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Foram analisados alguns desenhos de dois casos existentes na SEPSI - Clínica Psicológica do CEULP/ULBRA.

O primeiro caso, menino, seis anos, sexo masculino.

O segundo caso é o de uma menina, de sete anos.

Ambos os casos relatam queixas em virtude da separação dos pais. Buscou-se verificar traços inerentes a fatores psíquicos decorrentes ou fortalecidos pela separação dos pais. No momento dos desenhos não se teve dialogo com a criança, sendo analisada apenas as suas manifestações gráficas.

Foram analisados cinco desenhos, sendo um HTP e quatro livres.

Quanto a esses últimos, os desenhos ocorreram de forma livre sem ser pedido nenhum desenho específico para a criança. Por isso que, para alguns autores, é necessário dispor de diversos desenhos espontâneos realizados pela

criança (sendo alguns, inclusive repetitivos), com o objetivo de se seguir um padrão. Com isso, buscará uma adequação de harmonias, o que favorece a interpretação dos desenhos (SANTOS, 2010).

Destaca-se que os testes de desenho livre consistem em produções feitas em situações que envolvam pesquisa ou diagnóstico psicológico. O desenho livre se traduz na seguinte expressão para a criança: „Desenhe o que você preferir“.

No entanto, para que tenha uma conotação de desenho de avaliação psicológica, faz-se necessário um controle quanto à organização do material necessário para o teste que consiste em folha de papel ofício, lápis preto nº 2, lápis de cor, borracha, gilete ou apontador, e folha de anotações para que o psicólogo possa fazer suas considerações (VAN KOLK, 1984).

É necessário que sejam analisadas as condições ambientais adequadas para a aplicação do desenho, como iluminação, temperatura, isolamento acústico, qualidade do ambiente, entre outras disponibilizadas pela clínica do CEULP/ULBRA.

Quanto a esse tipo de desenho, de acordo com Rappaport (2010):

É necessário ressaltar o aspecto de solicitação feita para o desenho, pois se delinea aí uma situação psicológica bem caracterizada e única. Um desenho apresentado como resposta a uma solicitação direta está em um contexto psicológico bem diferente daquele que é executado por iniciativa e motivações próprias, que no conjunto de atividades habituais de vida, quer no curso de uma psicoterapia. Estamos aqui não diante de um desenho

36

espontaneamente feito, mas solicitado em determinadas condições ambientais. O desenho é livre em termos de escolha de tema e de processo de realização, mas é apresentado em um situação controlada: o local é o escolhido pelo examinador, o material é oferecido (RAPPAPORT, 2010, p. 83).

Quanto ao HTP, de acordo com Van Kolch (1984), considerada uma pesquisadora de renome na área, sabe-se que os desenhos como técnica projetiva

entende que a expressão, a adaptação e a projeção estão presentes em todas as elaborações gráficas.

Quanto aos rabiscos, Derdyk (2000, p. 134) ressalta que „quando a criança rabisca um papel em branco este lhe traz certos estímulos para o seu campo de visão, que vão se transformando em objetos“. Com isso, a autora quer ressaltar que os riscos podem ter uma conotação distinta para a criança autista no sentido que ela lhes dá significados não vistos pelo observador. Assim, um riscado sob riscado pode ser um peixe, uma ave, uma árvore, uma pessoa, entre outros.

A orientação espacial proporciona indicações de outros aspectos essenciais. O espaço acima da folha se relaciona com o intelecto da criança, sua imaginação, curiosidade e desejos inerentes à descoberta. A parte inferior, no qual não há tantos riscos, diz respeito à questão “física” ou “material” que a criança pode apresentar.

Com isso, é possível analisar os desenhos gráficos sob o enfoque das qualidades de intenções completas ou incompletas, integradas ou desorganizadas, expressões de sucesso ou de fracasso nos traços da criança. Tais expressões podem ser verificadas no decorrer da construção do desenho por intermédio das reações emocionais que dão sentido ao desenho (GRASSANO, 1996).

Por seu turno, a expressão se interpreta na forma como o sujeito impôs seu estilo, com relação à forma e aos elementos do desenho; na adaptação os desenhos se avaliam com respeito à solicitação realizada, sem esquecer do gênero e as características sócio culturais assim como das idades que se analisam.

Sua projeção, de acordo com o exposto, se avalia valorizando os objetos ou situações representadas e as transformações realizadas, tendo em conta a priorização global ou configuração geral dos desenhos. Em outras palavras: a forma holística. Esse tipo de interpretação exige uma grande experiência clínica e uma

formação sólida em Psicologia e Psicopatologia.

Destaca-se, ainda, que a interpretação das manifestações gráficas infantis irá variar conforme a análise do profissional. Isso porque, as manifestações gráficas

37

infantis consistem em um ambiente do provável, do indeterminado, dos significados. Daí surge a importância de se ponderar o primeiro desses “profissionais” intérpretes, qual seja, a própria criança, para que se possa entender o seu significado (RABELO, 1935).

Quando ainda não se tem esses requisitos, a interpretação deve realizar-se priorizando avaliação de forma que todos os detalhes do desenho sejam verificados (VAN KOLK, 1984) Foram analisados diversos autores, entre os quais se destacam Luquet (1970); Rabelo (1935); Van Kolk (1984), entre outros.

Com base neste critério apre-se os indicadores psicopatológicos de mais destaque e frequência dos desenhos nos testes de Desenho Livre e Teste da Casa, árvore e pessoa (HTP). Tais modelos, explanados anteriormente, expressam conflitos em crianças de 4 a 10 anos, segundo a bibliografia estudada para esta pesquisa.

Frisa-se, de igual modo que o ambiente das manifestações gráficas é destacado como não apenas como uma espécie de manifestação da realidade, mas ainda como o saldo de atividade intencional abrangendo pressupostos cognitivos e emocionais na sua adequação com a realidade com a qual se relaciona. Para o entendimento das manifestações gráficas da criança, é primordial que se entenda o processo de sua produção.

Luquet (1978) defendia o seu método de análise das manifestações gráficas a

contar do desenhar de uma criança e a importância de se primar por uma análise científica acompanhando e anotando todas as ações e comunicações antes, durante e depois o ato de desenhar alguma coisa (DUARTE, 2007).

Os resultados podem ser conferidos nos indicadores da tabelas abaixo:

Tabela 1: Teste do desenho livre

CARACTERÍSTICAS GERAIS INDICADORES NOS DESENHOS

Desenhos fracos (pouca força no desenho), inseguros e sombreados.

Pobreza de conteúdo (poucos desenhos)

Figuras Rígidas, sem forças

38

Tipos de traços Figura sombreadas (cinza)

Expressão de vazio ou desalento

Figuras muito pequenas (sentimento de menos valia)

Figuras grandes (punitiva ou protetoras)

– **Como se observa no desenho 2 (sol grande)**

Conteúdo:	Como se observa no desenho 4
Distâncias	Sol pequeno e fraco
Omissões	Como se observa no desenho 5
Ênfase	Chimané
Super elaborado	Chimané com fumaça
	Nuvens com chuva
	Sol do lado direito da página
	Como se observa no desenho 1,3 e 5
	Sol cortado (não completa o sol)
	Como se observa no desenho 1,3 e 5
	Sol com raios
	Feito com desenho de telhas
	Casas com pontas fechadas
	Como se observa no desenho 5

Casa dividida em duas partes

No desenho 5 observa-se duas casas

Janelas fechadas ou com cortinas

No Desenho 5 observa-se ausência de janelas

Barco sobre a água com desenho de ondas

Coração

39

Flores

Árvores sem ramos
Como observado no desenho 1

Árvores com círculo no tronco

Cinza – preto – amarelo e azul

Tabela 2: Indicadores no teste da casa, árvore e pessoa, de acordo com autores estudados, nos desenhos das crianças entre 4 e 10 anos.

FIGURA HUMANA

Características gerais Conteúdo:

Distorções missões, Ênfase, super elaborado

Figuras de tamanho pequeno (como manifestações de sentimento de rejeição ou menos valia)

Mais ênt

Débil no

Como se observa no desenho 5

Destaque na simetria bilateral

Distorções missões, Ênfase, super

elaborado

Casa se

Figuras de tamanho grande (protetora

ou punitiva)

NA CASA

Casa com separação e/ou duas portas

No desenho 5 se observa 2 casas

Características gerais Conteúdo:

Como se observa no desenho 5

Chimane com fumaça tênue

Feito sombreado e/ou reforço

Portas sem acesso

Cercas muito elaboradas

Cores Cinza- preto – vermelho e azul

NA ÁRVORE

Pequeno

Características gerais Conteúdo:

Distorções missões, Ênfase, super elaborado

Como se observa no desenho 5

Frutas ausentes ou pequena

Capa pequena como expressão de elaborado)

Folhas caídas, ausentes ou ralas.

Raízes finas ou ausentes

desproteção

Conforme frisado anteriormente, como contextualização a este trabalho, foram atendidos dois casos de pacientes atendidos pela Clínica Docente do Ceulp/ Ulbra. Frisa-se que o sigilo será mantido, com o fulcro de não serem identificadas as crianças, só indicando idade e sexo.

Caso nº 1

Idade: 6 anos/ Sexo: masculino

A queixa é derivada da separação dos pais, ansiedade e agressividade. Os desenhos foram os seguintes:

Desenho 1 LIVRE

Neste desenho se observa os seguintes sinais gráficos: Sol do lado direito da página; Sol cortado; cores cinza, preto, amarelo e azul.

Desenho 2: LIVRE

Observa-se figura grande, podendo ser punitiva ou protetora.

Desenho 3: LIVRE

Observa-se sol no lado direito da página e sol cortado. A estrada demonstra

distanciamento físico com algum referencial (como pai ou mãe, por exemplo).

Caso nº 2

Idade: 7 anos

Sexo: feminino

A queixa é derivada da separação dos pais, ansiedade, apatia e falta de atenção nas aulas. Os desenhos foram os seguintes:

Desenho 4: LIVRE

Desenho 5: HTP

Observa-se sol com raios.

Nesse último desenho observa-se duas casas separadas com dois sois e duas árvores. O sol está no lado direito da página, sendo um sol pequeno e fraco. As casas estão com portas fechadas, com ausência de janelas. As casas também não possuem caminho. Nas árvores as raízes são ausentes.

As manifestações praticadas no desenho fazem parte do crescimento psíquico e são primordiais para o desenvolvimento e para a fundamentação de pessoas sensíveis e criativas, em plena capacidade de transpor e modificar a realidade.

Ainda, nos dois casos apresentados, se comprovou alguns dos indicadores apresentados na literatura consultada para este estudo.

Diante do exposto considera-se importante destacar que:

i) Conforme ressaltado na parte teórica do presente estudo, o entendimento das expressões gráficas são fundamentais para o entendimento e desenvolvimento, dos traços da personalidade na formação destas crianças;

ii) Observou-se nos desenhos apresentados que as características mais evidentes nos casos foram : Necessidade de proteção; perda afetiva; agressividade; sentimentos de solidão; ansiedade ou tensão; irritabilidade e timidez e medo diante da realidade que a rodeia. Tais fatores se justificam pela ruptura decorrente da separação dos pais.

Destaca-se que mesmo com essas observações, as crianças não possuem o conhecimento de que as linhas traçadas por elas podem ensejar em objeto de interpretação.

De acordo com Bidand (1997) *apud* BOCK (2002), todas as separações e conflito dos pais provocam alterações e ansiedade nas crianças e até alterações mais graves como agressividade, desesperança, desamparo, desespero e depressão. Segundo esta autora, na área cognitiva, as crianças podem ter dificuldades em solucionar a problemática com rigidez haja vista e falta total de flexibilidade do pensamento: ou tudo ou nada.

Pode-se dizer que o divórcio é uma situação que ocorre na família e que traz mudanças na dinâmica familiar, partindo da conjectura que a separação de um casal não acaba com a família, mas traz mudanças no relacionamento familiar. O divórcio acarreta mudanças nas estruturas e dinâmicas familiar.

Porém, ele não acaba com a família, mas traz novas configurações no relacionamento devido ao rompimento da vida conjugal, entretanto, a família se mantém, mas com uma nova dinâmica, pois a separação traz novas experiência onde ocorre perdas que geram sofrimento e conflitos.

Ressalta-se que o desgaste e separação dos pais poderão ensejar em conflitos que poderão desaguar na própria prole. Os pais, para efetivação da guarda

compartilhada, deverão deixar de lado as divergências e os problemas da separação para se atentarem com a educação e os cuidados de seus filhos, que estão acima das divergências passionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os efeitos da separação atingem a todos os envolvidos e para as crianças, percebeu-se que esses efeitos são mais prejudiciais e duradouros do que se pensava, pois estas crianças são vítimas involuntárias do resultado dessas rupturas.

Quando a criança desenvolve-se inicialmente num determinado espaço onde os pais estão presentes e acontece a separação onde um dos pais vai embora, o espaço físico (casa) a criança passa a não se reconhecer nem mesmo em seu corpo, podendo haver, então, uma alienação em suas referências espaciais e temporais, pois uma depende da outra. A experiência da separação que já não é fácil para os pais torna-se também um grande problema para os filhos que acabam ficando como alvo de disputa descarga de irritação e frustração dos pais. Os filhos, por serem crianças, poderão expressar seus anseios e frustrações por meio dos desenhos.

Com isso, o resultado do presente trabalho é considerado uma aproximação ao estudo do grafismo e suas expressões na criança . Sendo assim, considera-se, ainda a necessidade de se abordar, em outros estudos sobre este tema, priorizando a figura da criança em situação de conflitos na família.

Foram registrados indicadores que evidenciam os problemas em que se encontram envolvidas as crianças de pais separados. Destacam-se estas características dos desenhos das crianças nas tabelas n° 1 e n° 2. A análise foi evidenciada com os principais autores desta área do grafismo.

Considerando que o presente estudo alcançou o seu objetivo geral, espera-se que o interesse desse trabalho sirva de apoio a profissionais da área da Psicologia, Psicopedagogia e outras instituições, tais como igrejas, escolas, abrigos, que

estejam vinculados com crianças desta faixa etária.

46

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo-SP, 2010, Vol. 18, n.17, pg. 20-41.

ARAUJO, Maria de Fátima. Estratégias de diagnóstico e avaliação psicológica. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 9, n. 2, dez. 2007 .

BALLONE, G. J.; NETO, E. P. ORTOLANI, I.V. **Da emoção à Lesão**. 2a Ed. São Paulo: Manole, 2010.

BARROS, Lisbeth. **A construção do significado infantil**. São Paulo: Atlas, 2010.

BÉDARD, Nicole. **Como Interpretar os Desenhos das crianças**. Traduzida do original "Comment Interpréter lês dessins de votre enfant". Quebec/Canadá: Editora Isis Ltda, 2010.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair e TEXEIRA, Maria de Loudes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia**. 13. ed. rev. e amp. São Paulo: Saraiva, 2002.

BORDONI, Thereza. **Descoberta de um universo: A evolução do Desenho Infantil**. Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp62.htm>> Acesso em: 10 de abr. 2015.

BRASIL. **Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social**.

Brasília: Presidência da República, 2005.

CARRANO, Paulo. "Identidades culturais juvenis na escola: arenas de conflitos e possibilidades". In: MOREIRA, A. F; CANDAU, V. M. (Org.) **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4 ed Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CREPALDI, Nicolas. **O divórcio na legislação brasileira**. São Paulo: Alfa, 2008.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho, desenvolvendo o grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 2000.

DI LEO, Joseph H. **A interpretação do desenho infantil**". Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

DIAS, Maria Berenice. **O Direito da Família**. São Paulo: Malheiros, 2013.

DINIZ, Maria Helena. **Curso de Direito Civil brasileiro: direito de Família**. v. 5. 18. ed. São Paulo : Saraiva, 2013.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. **Representação, categoria cognitiva e desenho infantil: Um estudo para o ensino de desenho a crianças cegas (2007)**. Disponível em: <http://luquet-archives.univ-paris1.fr/fichiers_luquet/collaborateur/psychologie/3/815/815.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2007.

0

FIGUEREDO, Waldir. **Guarda Compartilhada**. 2. ed. ver., atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014.

FILHO, Grizard. **Direito da Família**. São Paulo: Atlas, 2012.

FONSECA, Priscila Maria Pereira Corrêa da. Síndrome de alienação parental. **Pediatria**. São Paulo, 2006, 28(3), p. 162-168.

GOMES, Luiz Henrique. **Alienação Parental**. São Paulo: Bestcon, 2010.

GONZAGA, Jacyra Carvalho. **Os filhos na separação dos pais uma visão psicológica**. 2005. 45 f. Monografia (Pós-Graduação em Psicologia Familiar) - Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2005.

GRASSANO, Elsa. **Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas/** Elsa Grassano de Piccolo; tradução Leila Salomão L.P. Cury Tardivo – São Paulo: Casa do Psicólogo 1996.

HIRONAKA, Paulo. **O abandono afetivo.** São Paulo: Canarinho, 2010.

LAGO, Vivian de Medeiros e BANDEIRA, Denise Ruschel. As práticas em avaliação psicológica envolvendo disputa de guarda no Brasil. **Aval. psicol.**, Porto Alegre , v. 7, n. 2, ago. 2008 .

LUQUET, Georges-Henri. **O desenho infantil.** Porto: Ed. Minho, 1979.

MADALENO, Nicolau. **A repercussão psicológica do abandono afetivo.** São Paulo: EdUSP, 2009.

MENEZES, Marina; MORE, Carmen L. O; CRUZ, Roberto Moraes. O desenho como instrumento de medida de processos psicológicos em crianças hospitalizadas. **Aval. psicol.**, Porto Alegre , v. 7, n. 2, ago. 2008 .

MEREDIEU, F. **O desenho Infantil.** São Paulo: Cultrix, 2006.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador.** São Paulo: Loyola, 1997.

PEREIRA, José Carlos. **Direito da família.** São Paulo: Atlas, 2005.

PIAGET, J. **A formação dos símbolos na Infância.** PUF, 1948

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e construção de conhecimento na criança.** Porto Alegre, RS: Artmed, 1996.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 183-193, mai./ago. 2004.

RAPOSO, Hélder Silva, FIGUEIREDO, Barbara Fernandes de Carvalho, LAMELA

Diogo Jorge Pereira do Vale, NUNES-COSTA, Rui Alexandre, CASTRO, Maria Conceição, PREGO, Joana. Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. **Rev Psiq Clín.** Braga, Portugal, 2011; Vol. 38, n 1, p. 29-33.

RAPPAPORT, Clara Regina. **Temas básicos da psicologia.** São Paulo: EPU, 2010.

RODRIGUES, Sílvio. **Direito Civil: Direito da Família.** São Paulo: Atlas, 2004.

SANTOS, Antonio. **O comportamento agressivo em grupos culturalmente diferenciados.** Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOARES, Luis Carlos. **O desenho infantil sob o enfoque da educação.** São Paulo: Canarinho, 2011.

TORO, Santiago del. **As transformações da família brasileira.** São Paulo: Atlas, 2012.

ULLMAN, Alexandra. **Guarda compartilhada.** São Paulo: Atlas, 2014.

VAN KOLCK, Odette Lourenção. **Interpretação psicológica de desenhos.** São Paulo: Pioneira, 1984.

VYGOTSKY, L. S.. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes: 1988.

